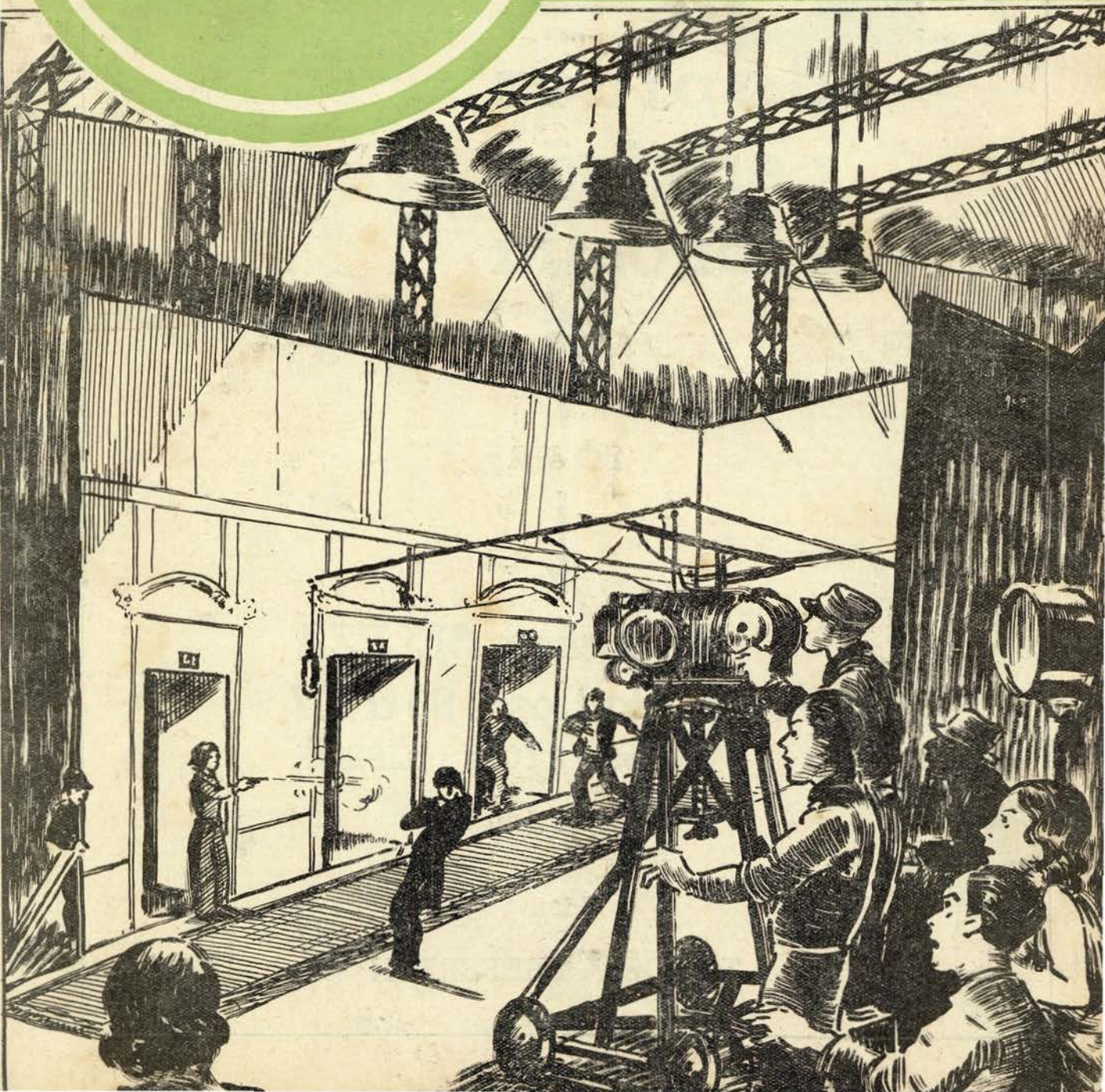


# de grandes reportages

N.º 9

1\$00 Esc.



# ESPECTACULOS

## Teatros

Nacional - 21 e 30 - "Sol Poente"  
Apolo - 20,30 e 22,45 - "O Zé dos pacatos"  
Maria Vitória - 20,45 e 22,45 - "Viva a folia!"  
Coliseu - 20 e 30 e 22 e 45 - "O Fim do Mundo"

## Cinemas

São Luiz - 15 e 21 e 30.  
Tivoli - 15 e 21 e 30.

Condes - 15 e 21 e 15.  
Central - 15 e 50 e 21 e 50.  
Olimpia - Das 15 e 30 às 0.  
Capitôlio - 21.  
Chiado Terrace - 15, e 21 e 15.  
Odeon - 15 e 50 e 21 e 50.  
Lys - Das 11 e 30 às 19 e 21 e 15.  
Paris - 20 e 45.  
Salão Portugal - 15 e 21.  
Palatino - 21.  
Palácio - 21 e 15.  
Europa - 21.  
Royal - 15 e 21 e 15.  
Eden-Cinema - (Rua do Alvíto) - 21.

Promotora - (Largo 20 de Abril, ao Calvário) - 21.  
Imperial - (Rua Francisco Sanches).  
Salão da «Voz do Operário» - 21.  
Cine Oriente - (Penha de França).  
Salão Ideal - (Loreto).  
Cine Rossio - 21.  
Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).  
Pavilhão Português - (Par. Mayer) - 21.  
Max-Cine - (Rua Barão de Sabrosa).  
Jardim-Cinema - As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concerto - 14 e 45 e 21 e 45.  
Bélgica Cinema - (Rua da Beneficência, ao Régio) - 21.  
Esplanada Vitória - (Rua Alves Torgo).  
Cine Salão Braço de Pata - A's quartas e domingos.

Rapidez  
perfeição  
economia



SÓ NA



Imprensa BELEZA  
R. da Rosa, 99 a 107  
Telefone 2 1622 — LISBOA

TODOS A PREFEREM!

Director:

Reinaldo Ferreira (Reporter X)

Administrador:

António Beiza

Redactor-chefe e editor:

Propriedade da

Américo Faria

Imprensa Beiza

Red., Administ. e Oficinas: IMPRENSA BEIZA, R: da Rosa, 99 a 107 — Telef. 2 1622

Delegação no Porto: Rua de Santo Ildefonso, 86-98

PORTUGAL

ANO I LISBOA, 17 DE JANEIRO DE 1935 N.º 9



## Carta «confidencial» a... tôda a gente

pelo

ESTAS vidas, chamadas... «públicas» em que o indivíduo, quer dum ou doutro sexo, é arrastado para o exibicionismo — directo ou indirecto —; seja celebrando-se ao fazer esbugarhar os olhos dos espectadores com a carnção, de helénica moldagem, das nudíssimas vedetas revisiteiras ou embalandando os espíritos com os gorgeios e trinados, sob o duzhe luminoso dos palcos de ópera; seja atingindo a glória mundial nas asas do génio literário ou a curiosidade ingénua das multidões através de um discurso de «meetings» — nem sempre são aquelas doces e suaves colinas que os senhores visionam...

Se essas vidas oferecem, por vezes, saborosas gulseimas morais e mentais, como prêmio de muita canseira, abnegação, tenacidade, sacrifício e desilusões — quando o «popularizado» ou o «glorificado» se quinda ao triunfo levando na alma uma paixão, rubra, sim, mas casta pela arte em que se profissionalizou; e, sobretudo, se a par dessa elevação higiénica de espírito artístico ou literário, palpitar um instinto de virtuosidade monopolizante de todos os sentidos e pensamentos (refiro-me, já se vê, aos histriões como Virgínia, Duse, os Rosas, Sarah, o Coquelin, Novelt; ou músicos como Beethoven, Berlioz ou Chopin; os escritores como Goeth, Hugo, Camilo, Eça — e excluo as «girls» que se afamam com os encantos nus do seu impudor, os fazedores de rebuçados musicais e valsas harmoniosas ou os escribas, tão vazios de talento como os cómicos que põem, com as suas piruetas e chalaças grosseiras, a plateia boçal em delírio...).

...Mas se nós, profissionais das letras e das artes, somos, por vezes — e sempre tardiamente, premiados — quando mais não seja, com a auto-recompensa platónica, íntima — e um pouco mazoquista — que nos leva a dizer, na mesma exaltação aloucada de apaixonados com que «Soror Mariana» escrevia ao Tenório francês: «Faz-me sofrer mais, meu amor... Sofrer por ti — é um prazer!» —... a verdade é também que esses fugitivos momentos de ilusão, têm, quasi sempre, uma tarifa de preços de longas horas de angústia infinita!

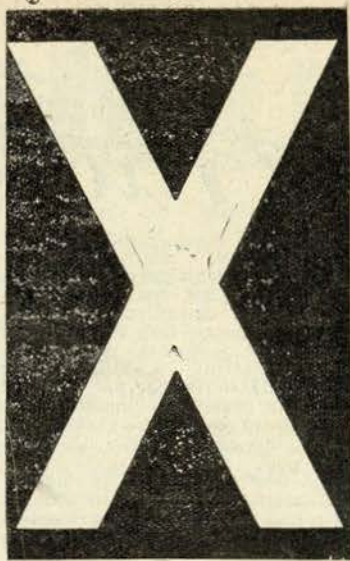
Tudo isto deve ter sido já dito e redito, em desabafos de todos os escritores — e, portanto, com uma maior eloquência de expressão e plasticidade e luz de forma. Mas precisamente porque hoje tenho o espírito a contorcionar-se em tratos de polé — numa dessas inquisições — a da «vida pública», que evoquei, sinto a necessidade inadiável, urgente de me abrir, de confidenciar os meus amargores com o

Público, meu «bêguin», minha Paixão, meu senhor e tirano — como a freira de Beja o fez, epistolamente, há mais de dois séculos, ao seu Conde de Chumilly...

\* \* \*

...Porque sois, de facto, um tirano, sr. Público — um tirano, tanto mais cruel e perigoso — quanto é certo que ocultais as vossas unhas laminadas em luvas de arminho; que antes de exercerdes o vosso despotismo, nos dais a beber filtros borgianos que nos abatem ao baixo-nível de escravos, de escravos por sedução, escravos que vivem suspensos no vosso olhar, alataando o menor vislumbre de um capricho — de uma maldade até — para a satisfazer, em hipnose, algo pelo engodo de vos merecer um agradecimento sorridente, a carícia dum aplauso, os favores de sermos discutidos — mas — muito! — pela volúpia desinteressada de vos servir...

É que sois astuciosos e hábeis tenórios — nas artes da conquista, embriagando-nos com a vossa ternura, técnica e calculista, dedilhando-nos as cordas mais sensíveis e dominantes da alma — a do amor próprio, a da vaidade, a do profissionalismo — exaltando-nos com a utopia de que era justo, o nosso presentimento, inconfessado, sobre a existência em nós de todos os feitiços do talento — e até do génio... — (do génio, sim, senhor! porque não? O primeiro colega que não tivesse pensado, uma só vez, pelo menos, que Deus — ou Satan — lhe acendera, às ocultas, num recôndito do cérebro, a flama do génio — que bufe sobre aquela que eu, há vinte anos, frente ao espelho, julguei ver tremelicar por um fenómeno de transparência do involúcro craneano!); entoxicando-nos, em suma, com a sábia alquimia de D. Juan — até nos reduzir à escravatura. E uma vez negreiros das vossas vontades — não usais dos processos violentos, grosseiros de qualquer tiranete do interior africano ou das colónias espanholas da América — a chibata, a palmatória, o pótro, o ferro em brasa, todas as torturas que escaparam a Oclávio Mirbeau no seu «Jardim dos Suplicios». Ah! Não! Essa técnica era demasiado rude, trabalhosa — desinteressante! Entre vós, Sr. D. Público e o «ganadero», por grosso, do gado humano que certos sobas e aventureiro feiravam, há menos de um século ainda, como hoje, na Argentina, os seus soberanos das pampas, exportam para a Europa, as suas vacas, os seus vitelos — prefurando o mesmo fundo poço que separa o «gigolô» aristocrático, encastado em sedutora simpatia, mixto de cinico, pelo bom humor, e de sentimental, por



### Semanário de Grandes Reportagens

intuição, fatalizado pelo dom de colar à sua vida, ao mais imprevisível e curto contacto dum olhar ou duma palestra, uma mulher — como o iman que cai junto a um alfinete, grudando-o imediatamente a si — sem culpa sua —; o «manger-en-blanc» que arranha tôdas as odaliscas que encontre pelo caminho da vida, pela gentileza do seu trato, pela vaidade que representam para as mulheres que possam usar-se de merecerem o seu amor — ou, pelo menos, umas horas por semana, do seu interesse; que parecem não ter premeditado aquelas poses gloriosas; que as disfrutam — discreta e modestamente; que dominam e escravizam, até onde lhes apetece, todo o pessoal do seu harem disperso, sorrindo, com ar protector; aceitando os sacrifícios delas — com o indiferentismo distraído de quem afoga uma cadela que lhes lambe os pés; — e o «sonteneurs» brutal, facinoroso, a roçar pela irracionalidade, prodígio de todos os vícios, grosserias, egoísmos, que assalta os corações, de naualha no bolso; que consegue a entrega das amantes — quando elas, acovardadas, em tremores de pavor, preferem os seus beijos agoniantes e babosos à facada prometida em caso de resistência; que depois as dominam «gringuinolando-as» até às ignominias que mais lhes repugnam — só por pânico, por covardia legítima, criando, nas entranhas, o ódio — um ódio mortal contra o seu tirano — um ódio que se dilata, naturalmente, como um filho em gestação...

Elas e... nós (honni soit qui mal y pense), em qualquer dos casos, somos escravos da mesma escravatura; para honra nossa e vossa... — de vós, Sr. Público, estamos paralelos às apaixonadas dos «gigolôs» simpáticos, involuntariamente sedutores (na aparência...), fidalgos, alenciosos, requintados — não se deixando nunca resvalar para uma cólera plebeia, para uma atitude menos alinhada — usando, como processo máximo e de efeito seguro, a baixa de um grau no termómetro da afectuosidade, a falha a um «rendez-vous» — embora logo desculpada em termos protocolares, um ligeiro afastamento... E contudo estou certo (basta, para isso, observar-me a

(Continua na página 13)



MUITAS vezes, a um recanto de cavaco, um amigo conta-nos uma anedocta que nos faz gargalhar — e que nós comentamos, dizendo: «— Tem graça... — mas eu já li isso não sei onde...». No caso presente passa-se o contrário: é a «Vida» que nos conta uma história, que parece engendrada por qualquer fantasista e nós, ao lermos o episódio — exclamamos: «— Já ouvi essa história não sei a quem...».

Sim! Este curiosíssimo prodígio de imaginação de uma família bulgara, ante um problema irremediável que a magreza das suas finanças não suportava — relembra, de facto, algo que já escutámos a alguém, em ar de chalaça. Mas, por maior que seja a nossa — e a vossa — incredulidade, somos obrigados a curvar-nos frente à evidência, visto que é um jornal da máxima confiança e respeitabilidade quem o relata — um jornal que está tanto ao vosso alcance como esteve ao nosso — e que o leitor pode folhear na «Monaco» ou na tabacaria do ex-«Chave d'Ouro», do Rossio, ou em qualquer outro posto de venda da imprensa estrangeira. O jornal a que nos referimos, é a «Illustrazione del Popolo», de Turino (Itália), n.º 2 (ano 15), página 4. E damos estas indicações — para que não nos lisonjemos, mais uma vez, a nossa inventiva, e não digam depois o clássico...: «Eu já ouvi isso!...». Também nós! Mas desta vez — foi... «de verdade!»

Pôsto isto, entremos na matéria: Desde tempos imemoriais que os escoceses gozam da fama de ser o prototipo, a personificação, mesmo, da avareza. Contudo, uma família bulgara, de Gabrovo, acaba de bater esse original «récord». Caso isolado? Não é bem, pois que os habitantes de Gabrovo são também conhecidos já, em toda a Bulgária, pela sua quasi proverbial economia e frugalidade; mas o caso de agora, de avareza da tal família cuja aventura vamos narrar, é de tal força que, comparados com ela, podem os escoceses ser considerados como enormes dissipadores.

#### A carestia dos funerais

Um membro desta família havia, há tempos, abandonado Gabrovo, instalando-se em Sofia, onde encontrara emprêgo. Até que um dia, súbitamente, chega aos parentes a notícia de que ele havia morrido. Imediatamente se reúne toda a família, a fim de resolver sobre o melhor modo de transportar o cadáver para Gabrovo, pois que o uso e a tradição regionais, mandam que ninguém seja enterrado fóra da terra natal. O velho pai começou logo por dizer que nada mais haveria a fazer do que comprar um caixão em Sofia. Mas isto ficaria, certamente, muito caro; para mais, havia que alugar também o coche fúnebre que o levaria depois até Gabrovo. E tal desperdício de dinheiro a todos pareceu logo uma loucura. Pois quê? Então seria lógico que os vivos se melessem a contrair dívidas com o fim de honrar um morto? Por outro lado, lá estava a opinião pública, que os condenaria

irremediavelmente se não prestassem ao defunto as indispensáveis homenagens. E a dificuldade estava apenas em trazer o cadáver até à estação de Gabrovo; depois, já ali se poderia arranjar, com certeza, um caixãozinho mais em conta...

— Barato, e, todavia, excelente — acrescentou um dos do conselho — todo forrado com um tecido que imita perfeitamente a seda!...

— Certamente — ajuntou outro — tenho-os visto aí esplendidos, que são muito mais baratos do que custariam em Sofia!...

— No entanto, tudo isto ficará muito caro — conclui um outro — para mais, como o uso manda que se convidem para o funeral todos os conhecidos, há-de aparecer-nos aí muita gente, que será preciso obsequiar.

Tudo isto estava muito bem, mas o caso é que ninguém atinara ainda com a solução a dar ao caso; e toda a família tremia, só com o pensar que teria de gastar as suas economias tão dificilmente juntas, para ir enriquecer qualquer dono de uma agência funerária!

— Porque não veio ele morrer aqui? — Oh! — exclama de repente um dos presentes. Que esplendida ideia!

Fez-se logo o silêncio. Expôs-se claramente a genial ideia; e o caso é que todos concordaram.

#### O morto em terceira classe

Passando a pô-la em prática, dirigiram-se logo dois membros da família para Sofia, a fim de procederem ao transporte do cadáver para Gabrovo. Primeiramente, trataram de o vestir, com toda a decência, depois do que um deles foi até à estação, a comprar um bilhete para Gabrovo; seria este para o morto. Eles encontravam-se já munidos dos respectivos bilhetes de «ida e volta»...

Feito isto, aguardaram paciente-

mente a noite; e logo que ela desceu, lá saíram com o cadáver, amparando-o cada um do seu lado, como se de um bebado simplesmente se tratasse... Nada notaram de particular, durante o trajeto até à estação; nem ao menos qualquer desconfiança por parte do cocheiro do trem que para ali os conduzia.

Tudo seguia bem, felizmente. Na estação, subiram o morto para uma carruagem de terceira e sentaram-no a um canto, encostando-o como se dormisse, tendo ainda o cuidado de lhe deixar o bilhete bem à vista, entalado na fita do chapéu. E para maior segurança, instalaram-se eles mesmos no compartimento vizinho.

Quando o comboio parou em Gabrovo, lá voltaram ao primeiro compartimento, a fim de ajudarem o morto a descer... Era ali — não tinham dúvidas — naquele canto, que o haviam deixado. E contudo, ele não estava lá!

Um viajante que, entretanto, havia entrado, informou-os: — «Procuram aquele senhor que ali ia a dormir?... Pois já desceu, na outra estação!...»

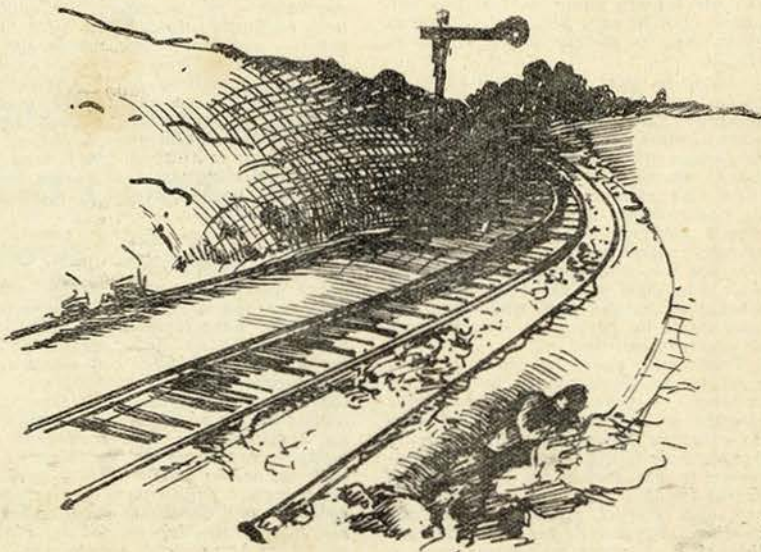
Os dois sentiram o sangue gelar-se-lhes. E aterrados, lá foram, correndo, para casa, a contarem aos mais parentes enlutados o triste fim da sua aventura. «O diabo vingára-se bem da sua estranha avareza!»

Toda a noite a família buscou, em vão, uma explicação lógica para o misterioso acontecimento; e de manhã, haviam apenas resolvido ir contar tudo às autoridades. Mas não foi preciso; por sua vez, a policia andava já tratando do caso, pois o corpo fóra encontrado em certo ponto da linha férrea e devidamente identificado!

#### Um passageiro aterrado

Imediatamente se deram ordens no sentido de prender o passageiro que

(Continua na página 13)



# Ainda o mistério de Marcel le Gall

**Uma reportagem especial para o "X" sobre o suposto cúmplice do rapto do General russo Kutiepoff, que a policia portuguesa prendeu.**

Levantou-se a hipótese de terem os carros seguido até às costas da Normandia, fizeram-se inquéritos, revolveu-se toda a França, e ficou envolta na névoa do mistério a verdade sobre o rapto de Kutiepoff.

Depois, a poeira do tempo caiu sô-

Revivendo o prólogo do folhetim. — Quem é, de facto, Marcel le Gall. — Um crime... parisiense, entre mil eguaes. — A Guiana: o Inferno! — Quem é Lipski. — A evasão! — A vinda para Portugal. — Uma romancista holandesa... que quer ser heroína em romance. — A traição. — O plano da fuga — O unico terror do «50.450».

Ali, encontrara um outro evadido, que ele não conhecera no presidio: Sérgio Lipski.

A desgraça comum aproximou-os. Lipski, inteligente, decidido, de uma imaginação assombrosa, que fóra condenado por burlas, contou-lhe a sua história — verdade seja que uma história inventada, novelesca, deslumbrante: fóra ele, Lipski, quem preparara o rapto do general Kutiepoff!

Menos inteligente e crendo em absoluto na história do rapto, Marcel depositou em Lipski toda a sua confiança.

Combinaram, então, seguir juntos, vida adiante. Mas não havia dinheiro e precisavam de sair da Guiana holandesa, quanto antes.

Um dia, Marcel recebeu da mãe, lavadeira humilde de Montparnasse, uma carta com dinheiro, e a promessa de novo cheque dentro em breve.

Marcel Le Gall, resolveu então partir, ficando combinado que o cheque que viesse dentro em pouco, seria para Lipski seguir viagem, até onde ele se encontrasse.

E Marcel, o «50.450» da Guiana, embarcou...

**Na Madeira — O encontro com Caro Van Lancker, escritora holandesa**

Le Gall veio para a Madeira a bordo dum barco da «Koninklijke Hollandsche Lloyd». Nesse barco, viajava também a escritora holandesa Caro Van Lancker-Van Dommelen, que escreve para as principais revistas e jornais holandeses.

Disse-lhe também que estava sem dinheiro, porque os dois mil francos que a mãe lhe prometera, oferecera-os a Lipski, o homem extraordinário que conhecera na Holanda, e que fóra quem preparara o rapto do general Kutiepoff!

Caro Van Lancker prometeu ajudá-lo, e à noite fez uma «quête» entre todos os passageiros.

E no dia 15 de Junho, Marcel Le Gall saltava na Madeira.

## A denúncia

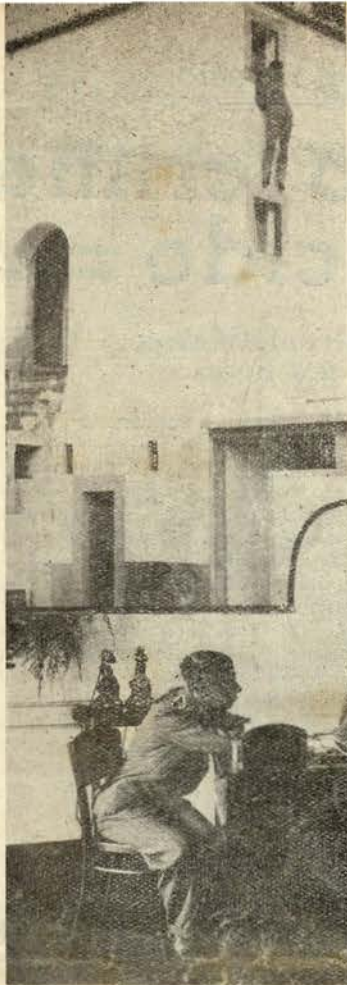
Na Madeira o encontramos nós, já preso. Porquê? Os jornais haviam dito qualquer coisa sobre o caso. Mas...

Mas ouvi-lo é que nós pretendíamos — e conseguimos-lo.

Le Gall contou-nos então:

— Sérgio Lipski faltou ao que prometeu. Mal recebeu o dinheiro que mi-

(Continua na pág. 13).



Em cima: Reconstituição da tentativa de evasão de Marcel Le Gall, na Madeira.  
— Em baixo: O preso, num interrogatório no Comissariado da Policia do Funchal (à esquerda o nosso redactor)

## O rapto, como já foi dito e redito

Foi a 26 de Janeiro de 1930, que a T. S. F. lançou a noticia aos cinco cantos do mundo: raptaram o general Kutiepoff!

Noticia breve, de quatro linhas concisas, que logo se multiplicaram, fazendo com que a imprensa de todo o mundo vertesse rios de tinta sobre o caso.

Construíram-se então as mais inverosímeis hipóteses.

Os jornalistas de maior renome, redigiram as noticias «à sensation», bordando ao sabor da própria fantasia as mais desencontradas versões, sobre o famoso rapto.

Afirmava-se que Kutiepoff, o homem que fóra da confiança de Wrangel e Dimitrine, recebera dois dias antes, de tarde, uma carta da «Guepau», ameaçando-o de morte.

Alguns, diziam ter conhecimento de que o general, às 11 horas, se encontrava entre a «rue Audinot» e a «rue Rousselet», falando com um «gendarme», que supunham ser um russo disfarçado em policia da capital francesa.

Surgiram a meio de todo o cenário rocambolesco, dois automóveis: o carro vermelho e o carro cinzento.

Houve alguém, mesmo, que afirmava ter visto o general, acompanhado dum «gendarme», subir para o carro cor de cinza, que deslisou no asfalto, seguido pelo vermelho berrante do outro «taxi».

bre o caso, diluindo a memória da noticia que se havia destacado nos «faits divers» dos jornais.

Sómente, de vez em quando, um ou outro repórter lembrava o caso, numa noticia breve, que se perdia entre as colunas compactas, como o luzir dum pirilampo.

## O «chauffeur» ... raptor

Marcel le Gall tem 28 anos apenas e boa presença; é espadado, de olhos cor de chumbo e riso esgarrado, a contrair-lhe os maxillares.

Nasceu em Paris, no cosmopolita «Quartier de Montparnasse», filho de uma lavadeira humilde, que ele recorda com humanissima ternura.

Um dia, surgiu na sua vida uma mulher — a mulher fatal dos grandes dramas passionais.

Amou-a como se ama a própria liberdade. Depois... depois, certa noite, sentindo-se atraído, matou-a. Os jornais deram a noticia breve desse crime banal, que se perdeu, sem ninguém dar por ela — minúscula, igual a tantas outras.

Marcel foi julgado e os juizes deram-lhe a pena de prisão perpétua, na Guiana.

Sofreu na prisão todos os horrores, e um dia fugiu através da floresta imensa — numa ansia, imensa também, de liberdade.

Chegou à Guiana holandesa, exausto e sem dinheiro.

# Um velho crime == esquecido ==

Destinos cruéis. — Um antigo conhecimento. — O «Zé da Lagôa». — A «má hora...»



Ninguém adivinha o mistério do seu drama...

**N**ão têm conta as vezes que, sem calculada intenção, vou parar à baixa ribeirinha, embrenhando-me nas suas ruelas lóbregas, nos seus bécos mal cheirosos e cavados, calcuriando umas e outras na maguada e triste contemplação de tanto negrume e de tão pungente miséria... Olho os casebres a dismantelarem-se, as paredes denegridas e esboroadas; oiço, dentro delas, tosses que me arripiam, vagidos de crianças que me trespassam; imprecações e gritos que me acordam na alma todos os dramas que açoitam a vida trágica dos que, sem pão e sem saúde, morrem dentro de buracos frios e nauseantes, como cães famintos e chaguentos...

E, nestas rondas nocturnas, raras vezes deixo de notar a presença do... que se chamou o Zé da Lagôa, hoje um António qualquer, que ninguém sabe donde veio...

Lá estava. Olhou-me aparvalhado, carregando sobre os olhos o feltro do velho chapéu desadornado. E contou-me:

## Um homem feliz

Já lá vão muitos anos... Estrondeava o Porto o audacioso roubo na Ourivesaria Garantida, da rua Passos Manuel, lá ao fundo; e, por isso, a atenção dos portucenses não se prendera com o crime que sobressaltara Braga e os seus arredores...

O Zé da Lagôa era um homem resistente, de arcaboço largo, muito alegre e extremamente bondoso. Avezava o seu pataco, é certo, mas à custa de muito trabalho, desde manhã até à noite, no amanho das terras, nas compras e vendas das feiras, muitas léguas andadas, ora tocando os bois, ora zurzindo os cevados, estrada fóra, grosso cigarro apertado nos rubros beiços, colete desapertado e jaqueta pendente de um ombro. Vivía alegre e feliz, na companhia da velha mãe e de alguns criados.

## Ruim encontro

Após o negócio de certa feira grande, colhidos bons proventos, Zé da Lagôa entrou de beber um *verde rascante e de gorduroso laço*, num estabelecimento que mais parecia casa particular. Encontrou lá vários feirantes conhecidos, entre os quais um tal «Riconso», indivíduo que o odiava. Antes do Zé da Lagôa entrar, aquele agredira o João Rôla, um desgraçado tuberculizado, semi-morto, que depois fugira, jurando *ser-lhe bom, logo que pudesse*. O «Riconso», muito embriagado, tentou agredir também o Zé da Lagôa. Chegaram a engalfinhar-se e rolar pelo chão, mas o Zé depressa o aquietou, mercê de um forte sopapo. Houve protestos contra o vencedor, porque era o mais forte. Irritado, pagou a despesa, e saiu, a caminho de casa. O «Riconso», jurando vingar-se, foi-lhe na pengada, aos bordos, pela estrada escura — pesadamente, emborachado...

Uma hora depois, o Zé da Lagôa entrava em casa, mas, contra o costume, de mau humor. Sentou-se e ficou a cismar... A mãe, supondo que o negócio lhe correrá mal, incutiu-lhe esperanças em melhores dias. O filho nada disse. Os criados entraram a cochichar, entre si, que o amo *perdera na venda, ou pregára alguma...*

## Preso e condenado

Na manhã seguinte, a policia prendia o Zé da Lagôa. Porquê? Não lho disseram. Os criados, convencidíssimos de que, de facto, *êle pregára alguma*, comentavam aberta e desfavoravelmente a atitude do amo, na noite anterior.

O «Riconso» apparecera morto na estrada, o crânio fendido por pancadas fortes e certeiras. Fóra o Zé da Lagôa o assassino, afirmavam os fregueses da taberna — e avolumavam as provas as referências dos criados. Zé da Lagôa protestou a sua inocência — mas em vão — e foi condenado a vinte anos de degrêdo.

## Doze anos depois

Decorreram doze anos. O João Rôla, uma noite, aguilhoado pelos remorsos, confessou ser o assassino do «Riconso». Agredira-o à paulada, vendo-o embriagado, saído-lhe ao encontro, pela rectaguarda, traiçoeiramente. Foi preso. Houve a morosa revisão do processo. O Zé da Lagôa, farrapo do homem que fóra, rebotalho humano, mendigou, não exigiu à sociedade que o protegesse... Teve fome e frio... Ainda os sente, muitas vezes, quando os carretos falham.

Os carretos! Como se, por muito padecer injustamente, o tivessem condenado a trabalhos forçados!...

HUMBÉRI

Rolaram pelo chão, numa fúria...



# Homens - mecânicos, falsos e verdadeiros

Em Pavia, desenrolou-se agora um pequeno escândalo... telemecânico. Foi o caso que o famigerado «Homem do ano 2.000», que recentemente fez o giro das principais cidades italianas, foi ali sequestrado, por suspeita de mistificação, pois parece que o aclamadíssimo homem-mecânico não é mais que o invólucro de... um homem autêntico, que assim tratava de ganhar a sua vida.

Não quiere isto dizer, porém, que todos os autómatos... pertençam à fa-



O autômato construído na América em 1875  
«Jogador de cartas»

mília daquele... Tem havido homens-mecânicos corretos e honestos, como, por exemplo, o que esteve exposto na Feira de Chicago e depois em diversas capitais europeias, e ainda aquele que foi apresentado na Exposição Radiofônica de Londres, tendo ambos sido sujeitos ao exame de severos cientistas — ficando aprovados.

Sempre os autómatos interessaram a humanidade, desde todos os tempos. Já uma lenda oriental nos conta que certo imperador chinês, de há quairo mil anos ou mais, mandara construir um fautoche mecânico, que nada mais fazia do que jogar o xadrez com o seu senhor. Jogar e perder, bem entendido — não fosse ele cometer um crime de lesa-majestade...

Em tempos menos longínquos, segundo afirma Aristóteles, existiu uma Vênus mecânica que era uma autêntica maravilha. Seria este, então, o primeiro autômato, propriamente dito, que terá aparecido no mundo; e pode, assim, afoitamente dizer-se que Vênus foi a mãe... do gênero mecânico. O famoso Tritão automático do imperador Claudio, seria, pois, um descendente de Vênus.

Tratava-se de um Tritão que o imperador fazia surgir — por meio de uma máquina — ao lume de água, durante as manobras navais, e que tocava uma trompa. Svetonio refere que era tanto o apreço em que Claudio tinha estes aparelhos mecânicos, que condenava a baterem-se na arena com os

O escândalo de Pavia - Venus,  
a mãe... do homem-artificial.

— Os jogadores de xadrez. —

A cólera de Napoleão

gladiadores, todos aqueles que êle encarregasse de criar-lhes essas maravilhas e não obtivessem o devido resultado.

Na Idade-Média, estiveram muito em voga os homens-mecânicos. Construíram-se os que davam serenatas às damas românticas que suspiravam no alto dos terraços; outros acendiam as luzes e outros ainda, como aquele, prodigioso, de Alberto Magno, abriam e fechavam as portas. O de Alberto Magno tinha ainda a particularidade de guardar a porta de um cárcere, fazendo sempre um respeitossimo cumprimento ao desgraçado que caía lá dentro.

Do mesmo período é o Cristo mecânico que hoje se pode admirar no Museu de Dresda e que move os lábios, fecha e abre os olhos e volta a cabeça para qualquer lado.

Mas maravilha realmente extraordinária, foi a criada, em 1478-520, pelo tedesco Lourenço Rosenegger, que construiu em Hellbrunn — próximo de Salisburgo — um estupendo teatro mecânico, accionado por máquinas complicadas e poderosíssimas, as quais davam «vida» a umas 113 figuras, enquanto 140 outras faziam de comparas. Ainda hoje a obra de Rosenegger é considerada o mais complicado mecanismo que se tenha construído.

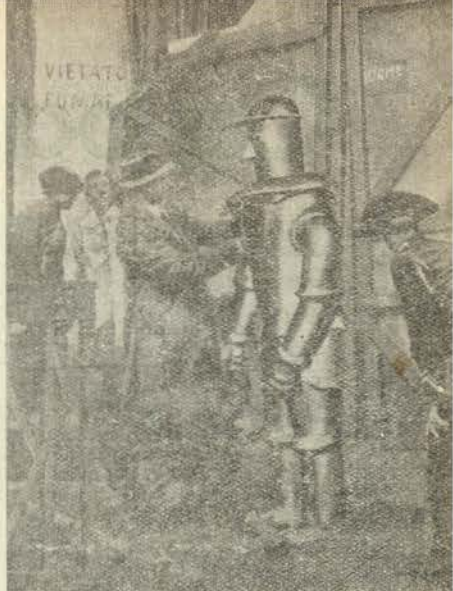
Pouco tempo depois, obtinha grande successo o francez Vaucanson, com os seus dois tocadores de flauta, em tamanho natural, e uma outra figura que podia mover o pescoço, comer e beber.

Data dessa altura, também, um outro famoso homem-mecânico, construído pelo teólogo Droz. Representava um rapaz e era capaz de escrever frases que tivessem até quarenta letras, mohando regularmente a pena.

Também um filho d'este teólogo, Henrique Luiz Droz, se dedicou a estas



No século XVII appareceu na Alemanha um «fumador» que fez o maior successo...



O homem mecânico que, sob a suspeita de ocultar homem autêntico, foi sequestrado e vigiado num teatro de Pavia...

strucções, tendo fabricado uma famosa tocadora de órgão e um não menos célebre desenhador. Por isso, também, em 1783, o velho Droz se viu forçado a comparecer diante do Tri-



O jogador de xadrez construído pelo hungaro Kempelen

bunal da Inquisição, acusado de magia! Hoje, quasi todas as maravilhas criadas pelos dois Droz se encontram recolhidas no Museu de Neuchatel e admiradas ainda como prodígios no gênero.

Mas o homem-mecânico mais célebre em todo o mundo, foi aquele famoso jogador de xadrez cujo segredo nunca chegou a desvendar-se completamente. Foi construído pelo estadista hungaro Wolfgang von Kempelen, (1734-1804). Kempelen viajava sempre acompanhado pelo seu jogador mecânico e por uma máquina falante que pode bem considerar-se a precursora do gramofone. O famoso jogador de xadrez acabou mal, porque tendo conseguido vencer o próprio Napoleão, a tal ponto irritou a cólera do Imperador, que este o mandou partir. E o segredo do seu funcionamento ficou por desvendar. Disse-se então que dentro do corpo metálico estaria escondido um anão, mas parece que tal afirmação não era verdadeira.

E desde então, os homens-mecânicos têm-se multiplicado constantemente. Mais ou menos geniais, uns deles — mais ou menos autênticos, muitos outros...

# Os bastidores tenebrosos e trágicos do cinema

## Rozario Ribera, que apaixonou Lisboa, aos onze anos, no Politeama, sob o nome de «Pichuela», fere gravemente...

O empresário Figueirôa e o Teatro Politeama, de Lisboa, em 1915—A revista "Não desfazendo..." do saudoso André Brun—Evoca-se Berthe Baron—A futura actriz Amélia Figueirôa, de trança caída—Uma rábula urgente—A "Pichuela" salva a situação...—Dezasseis anos depois...—Uma visita a um "Studio" britânico, em Sherry-Garden—De templo asiático... a templo cinematográfico—A maldição!—A série sangrenta—A intriga da entre cómicos—Rivalidades de artistas, ou ciúmes de...?—Como a "Pichuela" se guindou na arte—Quem era o galã ferido?—O enigma!

tis, um «tipo» criado por K. Hito—«El Pichuelo»... Pichuela não molestava, não barrava o caminho, prestava-se a qualquer recado—sempre inteligente e sorridente.

Quando lhe perguntaram se queria fazer o tal papel—ela rejubilou, emocionada! Se era a maior ambição da sua meninice—o ser actriz! Mas julgava, resignada, que só dali a muitos anos esse sonho seria realidade! E através de que dificuldades! E eis que lhe ofereciam um papel para representar já... sem esperas nem delongas!

Se um dos segredos do êxito da revista de André Brun foi êsse número, a causa do êxito desse número—foi a «Pichuela». O público delirava com a precocidade da miniatural artista, com a picardia com que temperava os chistes, com a viveza e desenvoltura «castiças» que exhibia nos seus esboçados bailes e em todos os seus gestos—e fazia-a repetir o trabalho, fogueando aplausos, três e quatro vezes por noite.

A Companhia parte para o Brasil—mas «Pichuela» fica. Vi-a mais algumas vezes, acompanhada da mãe. Falava-lhe—porque engraçava com a pequena—cujos encantamentos se iam vincando, dilatando vellezmente. No último encontro, a mãe confidencia-me:

«O meu marido está disposto a voltar para Madrid. Isto aqui está impossível! Em Espanha ganha-se o que se quer. Está cheia de estrangeiros ricos, que se divertem. Abrem teatros novos, todos os dias! E não é por isso—é pela nossa filha! Veja o senhor... Um êxito como aquêlê da estreita—e ainda não houve quem pensasse em aproveitá-la. É preciso pensar no futuro da pequena!»

Nunca mais tornei a ver a graciosa Pichuela—nem a ter notícias suas—e não ser agora, a propósito do drama

do estúdio cinematográfico da «Sociedade Crower»—instalado nos arredores de Londres...

«Pichuela»—que deve estar dobrando a difícil esquina dos trinta



O ex-capitão Wadd, actualmente «ás» do cinema inglês, vítima do misterioso atentado do «Crower-Studio»

anos (a idade da mulher balzaqueana)—surge-nos agora, senão uma vedeta da grande constelação de Hollywood ou de Berlim—pelo menos como figura de certo realce dos estúdios ingleses sob o nome, não sei se verdadeiro ou de cartaz, de Rosário Ribera... E Rosário Ribera—ou seja a

...um seu colega, durante a filmagem duma cena, no «Crower-Studio», dos arredores de Londres, sem que se saiba quem trocou a cápsula teatral e inofensiva, pela bala autêntica e mortal

«Pichuela» é um dos principais personagens do intrigante mistério do estúdio Crower.

Uma visita ao fatídico Crower-Studio, em Londres

Durante a minha última estadia em Londres, por ocasião do julgamento de Waterloo—em finais de 1931—era meu companheiro frequente, nos «raids» de curiosidade, nos poucos dias de folga que gosamos—o meu ilustre camarada Adelino Mendes ou então António Ferro. Uma dia de semana em que o tribunal não funcionava, encontrei-me sózinho, nesse imenso mundo que é a capital britânica. Adelino Mendes fôra para Oxford—que eu já conhecia; António Ferro estava cativo de uns amigos recenhegados—e não podia juntar-se-me, em qualquer passeata.

Era uma tarde amarello-escuro, tôda embrulhada de nevoeiro—apenas picada pelo pirilampear de milhares de anúncios luminosos—que funcionavam como se... se já fôsse noite! Salvou-me do tormento da minha nostálgica solidão, perdido entre multidões, o encontro com o sr. Alvanti, negociante de filmes italianos, em Londres, há vinte anos; antigo representante da famosa casa Cines, da Rússia—e hoje da Pittaluga. Ele ia ter uma conferência com um dos sócios da «Crower-Pictures»... Porque não lhe faria eu companhia? Eram três quartos de hora, num «green»? Tomamos um «green»—um autobus de luxo que recorda uma carruagem «pulmann» dum grande expresso—em Oxford Street—e apeámo-nos em Sherry-Garden-at-Tamisa.

Sherry Garden é uma cidadezinha igual às centenas que cercam Londres: uma pequena praça com estabelecimentos quasi luxuosos; um teatro, um cinema, um «policeman»—e quatro ou cinco ruas que dessa praça irradiam.

O «Studio Crower» era dos mais modernos da indústria inglesa. Cheirava a fresco. Pequeno sim, sem capacidade para cenas espectaculosas—o suficiente para se filmar uma película de cada vez—mas completo em todos os detalhes: oficinas de cenografia, carpintaria, de moldagem; cómodos camarins; laboratórios perfeitos, etc. Enquanto o sr. Alvanti cumpria a sua missão—acenderam-se as lâmpadas vermelhas, no estúdio, espécie de clarim mudo—e mudo tem que ser visto



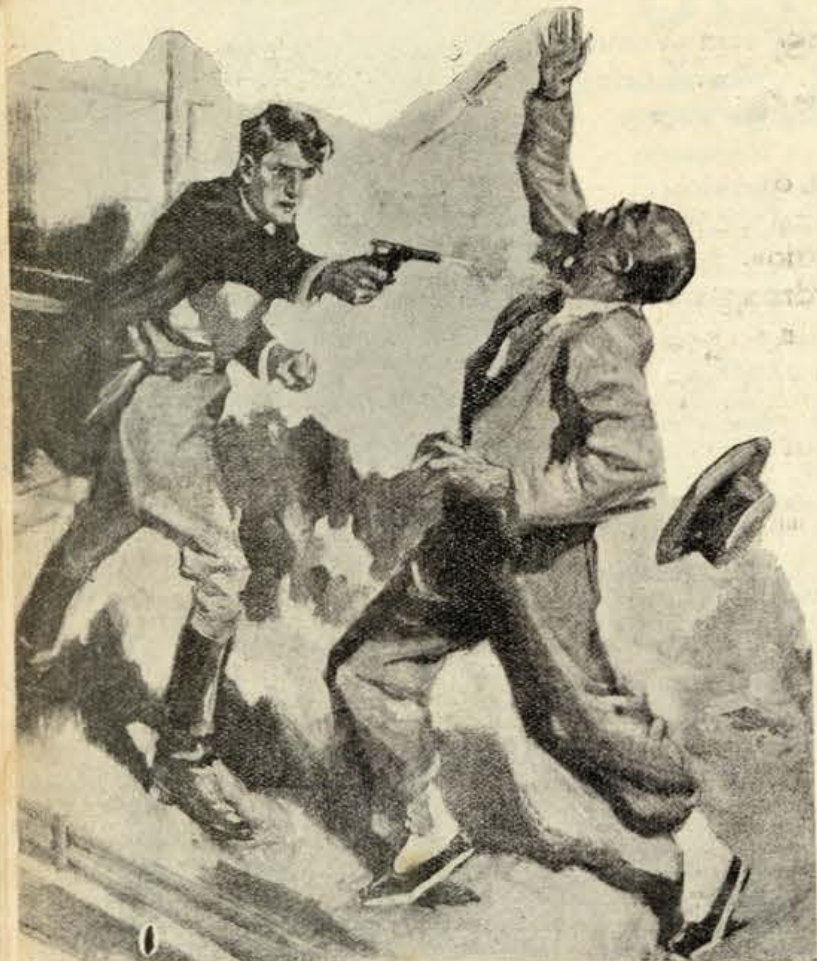
E o pobre velho foi ferozmente atacado pelo cão de guarda

que é para impor... «silêncio!». Ia-se realizar um pequeno episódio de um drama de Edgar Wallace—«The Red Brothers»—. O «metteur-en-scenes» consentiu que eu assistisse à filmagem. Coincidência: um assassinato. Como desconheço a obra de Wallace e nunca vi o filme—ignoro o argumento. Sei apenas o que se passava naquêlê quadro... Um «hall» de casa apalaçada—com escadaria ao fundo... Um galã encasacado, chapéu alto, invade a residência com atitudes de ratoneiro... No tópo da escada surge uma dama em traje de «soirée» e expressando forte comoção. O invasor, cá de baixo impõe, num gesto, silêncio e calma! Os operadores fazem deslocação da máquina, para mudança de plano... O galã entreabre uma porta... outra... Espreita, fecha-as de novo—e quando vai repetir a operação pela terceira vez—do outro lado do «hall» entreabre-se um reposteiro e por êle surge uma carabina, empunhada por um matador

(Continua na pág. 14)



Piccadilly, o centro de West-End, o bairro mais alegre e civilizado de Londres—palco de muita tragédia



E o «extra», num gesto involuntário, feriu gravemente o artista com um punhal, durante a filmagem

«A «Pichuela» do Politeama em 1915

Em 1915 ou 16 subiu à cena, no Politeama de Lisboa, uma revista do pobre André Brun—rotulada com o título de: «Não desfazendo...» O empresário era um bojudo sr. Figueirôa, de grande experiência teatral—pai do actual gerente do Cine-Batalha do Pôrto e padrao da então celeberrima cançonetista parisiense Berthe Baron—aquela que se grudou, várias temporadas, aos cartazes do Eden e que garganteava, num zoeirão onde os sr retiniam como campainhas:

«...a fadista portuguesa é irremediavelmente gigolette»

Uma grande honra para as duas famílias... Mas... continuando. O velho Figueirôa organizara a revista do verão quasi com o mesmo elenco da época dramática anterior—e premeditara uma longa «tournee» ao Brasil—que durou quasi um ano, sendo interrompida pela sua morte—morte «grand-guolesca» consequente da mordedura não sei de que bicho exótico, rico em peçonhas. Recordo-me, entre outros, dos seguintes artistas: Palmira Tôres, Eteyina Serra, Maria Pia, Inácio Peixoto, Serra, Clemente Pinto, Ribeiro Lopes, Livrona da Costa, Gomes da Trindade, Dêstes

dez apenas dois representam ainda. Dos restantes—cinco ascenderam à eternidade e três desapareceram das ribaltas...

Na revista havia uma rabulazita de difícil interpretação, pois devia ser confiada a uma garota de poucos anos. Era num desfile de nações—e como se estava na guerra, o autor criticava a neutralidade da Espanha, apresentando uma espécie de miniatura de Chula, acompanhada por um «tamenço».

Pensaram em entregar o papel à filha da actriz Maria Dolores—então uma criança ainda (hoje bem conhecida das nossas plateias, sob o nome de Amélia Figueirôa); mas a pequena era tímida, não se afeitava à figura—e a mãe não lhe sorria a ideia de que ela fôsse para o teatro. Circunvagaram os olhares—e deram com a «Pichuela». Pichuela tinha apenas onze anos—mas no seu corpiço já se desenhavam as primeiras curvas de beleza, morena, viva, precoce... O pai, espanhol, era músico da orquestra; a mãe, portuense, tinha não sei que cargo no guarda-roupa. A garota ia tôdas as noites para o palco, gulosava daquele ambiente barulhento, enervante, artificial, vistoso como um conto de fadas; dilatava muito as pupilas negras na ânsia de tudo ver... Todos a acarinhavam e chacoteavam com ela... Chamavam-lhe a «Pichuela»—porque estava então em moda, nos jardins tiran-



# Em plena Austrália selvagem e deserta

O que é a vida dos guardas-telegrafistas.—Episódios emocionantes.—A luta contra a distancia, o terreno e as feras.—O «truc» das linhas cortadas.—Uma serpente que interrompe todo o serviço telegráfico.

A Austrália possui duas das mais típicas linhas telegráficas do mundo—quando mais não seja, pela sua desolação. Uma é a de Overland Telegraph Route, que cobre o espaço enorme da Austrália Central, entre Alice Spring, vilazita no «términus» do caminho de ferro de Adelaide, e Birdum, outro pequeno pósto da civilização australiana, no fim da linha de Darwin, capital dos territórios do norte; quanto à segunda, é a linha que vai de Cooktown, no norte da Queensland, através da selvagem e pouco habitada Península de Cap York, a parte mais setentrional do continente, e de aí, por cabo submarino, até Thursday Island, no estreito de Torres. Pouco ou nada se tem dito do trabalho dos homens que mantêm estes serviços—absolutamente essenciais em algumas das mais selvagens, isoladas e inhospitas regiões do mundo. E no entanto, sem o seu devotado sacrificio estas solitárias linhas telegráficas não podiam existir.

O Overland Telegraph, actualmente, vai de Port Augusta, na margem norte do golfo de Spencer, Austrália do Sul, para Darwin, no território do norte, numa distancia aproximada de mil novecentas e cinquenta milhas, e é a mais comprida, no seu género, até hoje existente.

Custou originariamente mais de £ 300.000, e foi estendida com imensa dificuldade, fácil de calcular se dissermos que, durante os vinte e três meses da sua construção, se empregaram ali cerca de 60.000 milhas de fio de cobre, pesando centenas de toneladas, e mais de 36.000 postes, pesando cinco mil toneladas, tendo a maior parte d'elles de ser transportados a 300 ou 400 milhas, pois que só uma pequena zona do país a atravessar produz madeira que para elles pudesse servir.

Pouco depois da construção da linha, appareceu ouro em vários pontos do território vizinho, e isto fez nascer a ideia de construir uma linha de caminho de ferro através do continente, seguindo a Overland Telegraph Route.

Em 1886, começou também a construir-se um caminho de ferro do norte de Darwin para Birdum, numa distancia de duzentas e dez milhas, e ao sul de Port Augusta para Adelaide, e de aí para Alice Spring, numa distancia de quasi 900 milhas.

Nesta última década, nada, porém, se fez mais, e provavelmente só daqui a muitos anos se completará a linha.

Entre os dois terminus, há uma vasta e pouco habitada área, de cerca de 900 milhas, servida só pela Overland Telegraph Route.

Esta enorme extensão de território



Os indígenas são muitas vezes obrigados a arrastar os camions, até os viajantes encontrarem quem lhes repare o desarranjo do motor...

forma o quasi desconhecido «Coração da Austrália»—quatro vezes maior que a Inglaterra em extensão, mas cuja população branca não passa, em média, de cerca de uma pessoa por dez milhas quadradas!...

Em pontos estratégicos ao longo da linha, nesta desolada região, encontram-se várias barracas.

E nelas que vivem os operadores telegráficos e os vigias da linha, cuja missão é transmitir as mensagens e vigiar pela conservação da linha, fazendo as necessárias reparações.

Estes trabalhadores solitários raro vêem outros homens brancos.

Por isso mesmo, uma vez em cada dois meses, se o tempo o permite—um intrépido «correio» sai de Alice Spring, num camião, para levar provisões e cartas a esses homens encarregados de olhar pela linha e aos isolados donos de estações e pesquisadores das terras limítrofes, deixando mercadorias e cartas na estação telegráfica mais proxima ou em caixas especiais, colocadas à beira da estrada.

Este homem não segue as estradas usuais—antes procura o melhor caminho através do deserto, atravessando a vau trezentos ribeiros e rios no seu caminho.

Tais viagens são sempre acidentadas: assim, o terreno pedregoso muitas vezes lhes esbraga os pneumáticos, e é vulgar chegarem ao seu destino com os pneus cheios, mas... cheios de hervas, cobertores e roupa!

Outras vezes, é o motor que pára, e então algumas tribos de negros nômadas são encarregadas de puxar o veículo, até se poder arranjar outro auxilio.

Também, de vez em quando, apparece uma ou outra história dramática, respeitante a estes exilados.

Houve, por exemplo, um operador, que sem duvida teria morrido miseravelmente, se não tivesse sido salvo pelos negros, que o encontraram a tempo e o levaram para a sua estação.

Um corte da linha, é castigado quer com uma multa pesada, quer com prisão. Mas estas penalidades têm sido suspensas, por vezes, quando viajantes desesperados cortam a linha para conseguirem, por esse meio, aliviar ao local onde estão perdidos ou em «spanne», as brigadas de reparação—

salvando-se assim de uma morte certa.

Há alguns anos, a linha foi cortada algumas milhas ao norte da estação de Powell's Creek, e quando um vigia saiu, rapidamente, para fazer a necessária reparação, encontrou no local um chapéu e uma lata de comida, no chão. Apesar de ter feito buscas completas, o vigia não conseguiu encontrar traços do homem que tinha cortado o arame.

Alguns meses mais tarde, porém, um esqueleto descarnado foi encontrado no deserto, algumas milhas para oeste. Noutra ocasião, um corte da linha permitiu salvar uma mulher, na zona de Alice Spring.

A comédia também tem sido ocasionalmente ligada aos cortes na linha. Em várias occasões, viajantes vários têm-na cortado só com o fim de obterem transporte gratuito para Darwin ou Alice Spring. Invariavelmente, porém, conquanto recebam o necessário transporte, acabam depois por entrar na prisão!

Em muitos pontos, a formiga branca ousa provocar sérios embaraços, construíndo os seus grandes ninhos a trinta e cinco pés, e mais, acima do chão.

A linha a que nos referimos atravessa regiões que nunca foram exploradas, além das montanhas pedregosas do Great Dividing Range: rios e ribeiros infestados de crocodilos, e densas florestas infestadas pelo perigosissimo porco bravo, serpentes e outras pragas.

Os vigias, nestes pontos isolados, têm uma vida extremamente ingrata. Quando a linha se quebra, saem elles—geralmente a pé e sem olhar ao tempo—a fim de repará-la.

Certa vez, por exemplo, um vigia notou que a avaria era simplesmente devida a uma grande cobra «python», que se tinha enroscado, metade no poste e metade nas linhas!...

Tais são as condições em que vivem esses encarregados da isolada linha da Austrália.

Por isso mesmo, também, tais guardas são sempre recrutados entre indivíduos criados no mato, pois só homens tais, acostumados à solidão, ali poderiam viver, rodeados de tais... comodidades... Mas muitos são jovens ansiosos de aventuras que só ali encontram pretexto para viver a existência dos heróis de Júlio Verne.

Podemos dormir sossegados!...

## Em Portugal, acabaram-se os abalos sísmicos!

O! A ciência!... Oh! Os sábios!... Dum jornal alemão — verdade seja que sem grandes responsabilidades sob o ponto de vista científico — recortámos há dias uma pequena local, que vamos reproduzir, a título de curiosidade:

«Segundo declarações há pouco feitas por um grande sábio germânico, durante o ano transacto registaram-se 287 tremores de terra, nos diferentes pontos do globo, num aumento progressivo, de mês para mês.

E o mais grave é que nessas mesmas declarações se afirma que a maioria dos abalos se notou precisamente em regiões que dantes se consideravam menos sujeitas a tais sismos.»

Isto, simplesmente! Mas então, não será tal afirmativa o desmentido do que, anteriormente, outros sábios asseguravam, relativamente a tremores de terra?

O certo é que sempre ouvimos ter-se constatado o seguinte:

1.º — Onde a terra tremeu, voltará ainda a tremer.

2.º — Nunca se viu formarem-se novas regiões sísmicas.

3.º — Quando os pequenos sismos são frequentes, os grandes não podem tardar muito.

E vem então o tal sábio... Mas adiante. Já agora, mostraremos também os nossos «profundos» conhecimentos sobre a matéria.

Concluía-se daqueles princípios, que os habitantes das regiões onde a terra não tremeu ainda, podiam dormir absolutamente sossegados, ao abrigo de tal calamidade.

E hoje, que, por meio dos sismógrafos, se podem registar de uma forma contínua os menores abalos do solo, podem determinar-se, também, com segurança, as regiões sísmicas.

Assim, sabe-se que as duas principais correm em volta da terra, uma no sentido do Equador (Portugal, Espanha, sul de Itália, Balcans, Arménia, norte da Índia, Birmânia e arquipélago Malaio), e a outra em sentido contrário, dirigindo-se de norte para sul, passando pela costa ocidental da América (Chili, Peru, Califórnia, Alasca, e depois Japão, Ilha Formosa e Austrália).

Assim, dá-se com os tremores de terra o mesmo que se dá com os vulcões: há zonas absolutamente determinadas dum e outro fenómeno, vizinhas sempre, mas sem que entre elles se possa estabelecer qualquer estreita relação.

Entre as regiões mais assoladas pelos tremores de terra, pode citar-se especialmente a da Calábria e da Sicília. A história conservou memória de muitos dos abalos ali produzidos de há três séculos para cá. Assim, cita-se um que, em 1693, fez naquela região 90.000 vítimas; um outro que, em 5 de Fevereiro de 1783, fez desaparecer povoações inteiras em fendas que repentinamente se abriram, fechando-se logo sobre elas; depois, o caso de Messina, já por vezes destruída, no todo ou em parte. No século XIX, então, é longa a lista de tais catástrofes. Citemos, por exemplo, as de 1806, de

As novas teorias dum sábio alemão. — A martirologia dos terremotos. — Evocam-se os mais sinistros da história. — 350.000 portugueses, vítimas da epilepsia da terra, até á de 1755. — As profecias de Bandarra. — Voltaire e o seu «Candide» em Lisboa, após a catástrofe. — O ultimo abalo trágico em Portugal. — Um discurso de Alpoim no momento do tremor de terra em 1909.

1835 e de 1857; só esta última, fez, á sua parte, 12.000 vítimas!

Mas todos nós recordamos ainda os sismos de 1930, num período que durou de Novembro de 1929 a Março de 1931. Começou pelo abalo produzido nos fundos submarinos vizinhos da Terra-Nova, destruindo a maioria dos cabos transatlânticos. Nos começos de 1930, registaram-se abalos em toda a Bretanha, Saint-Nazaire, Vannes, Rennes, Nantes, Lorient, etc., não tendo, felizmente causado quaisquer vítimas. Na primavera, produziram-se os grandes cataclismos que afectaram precisamente a zona mediterrânea e sud-asiática. Em Maio, na Pérsia e na Birmânia contaram-se 3.000 mortos. Em Julho, 2.500, no sul de Itália, de novo devastado. Em Janeiro de 1931, foi a América central assolada: o México, a seguir o norte da América do sul, depois Java, depois ainda a Nova-Zelândia. Finalmente, terminou este período com os abalos registados nos Balcans.

Portugal estava dentro da zona sinistra da terra, antes do que, pela sua



Amarga recordação do Terremoto de Scília, em 1905 — um dos que causaram a as vítimas da Itália

imensidade trágica, fez esquecer os anteriores, apavorando o mundo inteiro — e que ainda hoje, ao ser evocado arranha os dorosos calafriando as almas. Um desses martírios com que a Natureza nos sacrificou — foi a apoteose de uma série de fatalidades, desastelando meia capital, sobretudo os templos — onde milhares de crentes supplicavam a clemência divina — visto que a fome e a peste, havia anos, estava ceifando centenas de vidas diárias... Que se visiona que complemento não seria — esse estendal de cadáveres a descomporem-se ao ar livre, atapeando escombros ou prensados sob pedregulhos... Até ao século XVII as fúrias sísmicas tinham custado perto de 350.000 vidas a Lisboa...

O terremoto de 1755 — á hora em que os cegos dos folhetos de cordel apregoavam as profecias do sapateiro Bandarra, de Trancoso — que, séculos antes previra a catástrofe — é considerado como um dos maiores do mundo. Pleonasmo e preciosíssimo ridículo seria pretender descrevê-lo neste modesto apanhado de recordações em redor de uma oportunidade. Um detalhe apenas relevaremos — por ser pouco conhecido. Voltaire, o filósofo que encheu o século XVIII e que pre-

(Continua na página 15)



Um aspecto de Piemonte — após o ultimo terremoto

# Artistas que ganham milhões com os animais

MORREU, há dias, em Londres, um pintor — Cecil Aldin — cujo temperamento artístico o fizera trepar ao nível dos grandes nomes da arte e cuja celebridade vinha da sua especialização. Aldin pintava quasi exclusivamente cães! Raro era folhear uma grande revista britânica — «Graphic», «Jungle», «Pickwick Papers», «Punch», etc. — que não topassemos com uma página cromolitográfica, de delicadíssima e suave policromização — com um assunto... heroificado por «bull-dogs», «fox-terriers», «danais», etc. Deixou uma fortuna volumosa — ele que começara a sua carreira — há quarenta e tal anos, em Londres — numa pobreza de 100 por cento... — e que conhecera todas as agruras dos neofitos desprotegidos, sobretudo quando eles arde, na cabeça, o brazido do talento e sonham com fazer vida numa profissão de arte... Lutou, sofreu veementes, pobreza, tudo — menos desânimo — e conseguiu impôr-se... Mais; conseguiu enriquecer — pintando cães!

Houve semanas, logo ao início da sua popularidade que assediado pelos donos de «magazines», pelos editores de albums, etc., já engodados com o éxito que Cecil Aldin marcava, se via na necessidade de realizar doze e quinze cartões, todos admiráveis — e onde apareciam exclusivamente... cães!

É que, de facto, raras vezes um artista, pictórico, desenhador, retratista, caricaturista, que se generalize ou que prefira, como modelo, o homem e ofereça, diariamente milhares dos nossos aspectos e «casos» — terá obtido a variedade e número de expressões... de expressões... (não podemos dizer *fisionómicas* e é arriscado criar o neologismo de *focinhómicas*...) — ...caninas — que Aldin reuniu nas suas infinitas estampas. Os seus *retratados* ou *caricaturados* — espelhavam no olhar, quasi estático, nas raras contrações dos focinhos — todo o mistério — não direi da sua alma, que seria uma ofensa aos dogmas; não direi dos seus sentimentos ou do seu cérebro — porque seria uma ofensa... aos Homens — mas da maquinaria desconhecida que funciona, oculta, dentro dos irracionais, em geral — e dos cães, em especial... E, contudo, atingindo o inverosímil pelo que há de *humano* nas suas expressões — se quizessemos apontar uma falsidade, um exagero, sequer, aos desenhos de Aldin — não podíamos! Os seus «cães» são tão «cães» como aqueles que... «nós conhecemos»: os mesmos olhos, a mesma fixidez, a mesma lanuêda quebra de palpebras, nos momentos de ternura, o mesmo faulhar, nos instantes de colera; a mesma elasticidade de movimentos do focinho... E apesar disso contemplando uma estampa de Aldin — compreendemos, sem esforço, ao primeiro exame, que os seus cães estavam clamorosos ou raivosos, contentes ou revoltados, padecendo uma angustia ou delirando com uma alegria... Que milagrosa arte a de Aldin que, sem *humanizar* os irracionais que pintava — lhes dava, através da expressão — todos os movimentos de um espírito, de uma alma?

Ele explicava assim: — «Dediquei-me aos cães, porque, desde épocas pouco piedosas para mim, quando todos me abandonavam, num alarde de

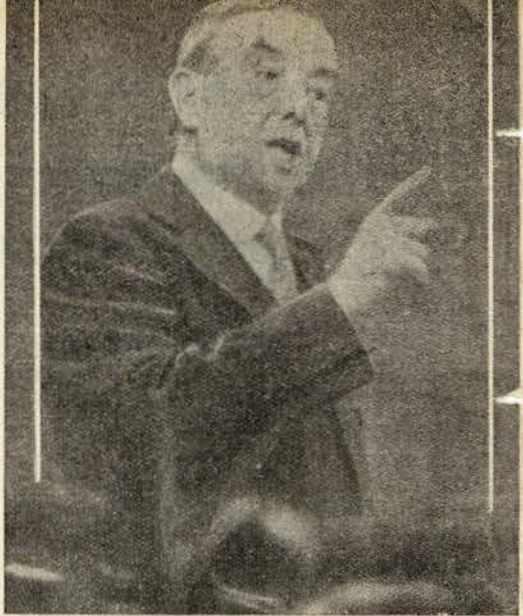
A morte recente do inglês Aldin, que fez fortuna a desenhar cães. — Os coelhos de Peaubót. — Os ratos de Fitcher. — O «Chantecler» de Rostand — Quem eram os seus modelos. — Qual a fonte da sua riqueza

egoismo — só ficavam dois ou três amigos humanos — eles e os cães! Os cães, são ainda hoje, para mim, os meus melhores amigos! Dediquei-lhes sempre todo o tempo disponível — não como um rico senhor que se diverte em dispor de bons espécimes caninos, que os trata com cuidado e ciência, por vaidade — mas com superioridade; que os considera apenas um simpático conjunto de instintos afectivos. Não! «Eu tratei sempre os meus colocando-os muito mais alto; estudando-os, vivendo com eles, espreitando-os, surpreendendo-os. Dois dos meus «bull-dogs» passam a vida a *pregarem partidas* — é o termo — um ao outro. Um deles é sisudo; o outro... é ainda *criança*. Outro dia o *sisudo* foi contemplado com um belo osso — extra-menu; e como estava enfartado com o almoço — foi para um extremo oculto e adormeceu junto ao petisco — reservado para a merenda. O outro veio, tirou-lhe o osso, escondeu-o e escondeu-se durante uma hora — aguardando que o amigo acordasse... Eu só queria que vissem as variadas expressões do mais jovem, enquanto esperava o desenlace! Só faltava sorrir — se *aquilo* que lhe fazia não era um sorriso — e dos velhacos. Só nessa tarde colhi matéria para muitos desenhos.

Aldin especializara-se também em estampas caricaturais de caça e de ciganos — e embora fôsse um mestre nestes géneros — eles estavam distanciados do... outro, o dos *cães*. Quando não os retratava, como heróis de anedoctas de admirável graça — dedicava-lhes artigos literários e estudos de profunda observação e interesse. As revistas pagavam-lhe a 30 e 40 libras — uma página — e só o «Graphic» publicava-lhe uma por semana. Os originais dessas páginas eram depois leiloados nos estabelecimentos próprios — e rendiam-lhe cem vezes mais. Calculava-se a sua fortuna em algo como 9.000 contos — traduzido ao português...

Mas Aldin não é o único artista que enriqueceu com... os animais. Peaubót, o velho, eterno caricaturista-boêmio de Montmartre — há mais de 35 anos que só trabalha com coelhos — fazendo deles — o que o colega britânico fazia dos cães. Conta este célebre francês que estando na penúria, sem trabalho nem... esperanças de um amigo que lhe pagasse o jantar, se refugiara na tetrica bauca de Montmartre *Lapin aqil*. (*Lapin A. Gil* era o nome do fundador, aí por voltas de 1825; mas sua suspetíssima clientela de então jogára com as palavras e crismou-a com o nome de *Lapin Agil* — o *Coelho Agil*...)

*Lapin Agil* é muito frequentado pelos turistas românticos e ingénuos que vêm de todos os países da Europa e da América a Paris — graças à fama com que o aureolaram os folhetins de Pon: Xavier de Mon



Cecil Aldin, o famoso pintor inglês, recém-falecido, «especialista» em cães — um dos artistas que enriqueceram fazendo animais

pin, etc., — evocando os crimes tenebrosos a que serviu de tablado durante meio século... O dono da casa, em 1900, era amigo do artista — e fiava-lhe um *bock* — só um! Para matar o tempo Peaubót começou a desenhar, num bocado de papel, uma cena de faca e alguidar, desenrolada no *Lapin* e em que todos os personagens eram... coelhos. Sem saber como, dera a cada coelho, sem artificializar as possibilidades de contração, expressões de ódio, de terror, de alegria... Um inglês, curioso, que esgueirara o olhar para a bonecada entusiasmou-se — e ofereceu-lhe dois *luzes* pela obra. O caricaturista parecia hesitar — porque julgava que o outro o estava trocando. Aquela noite foi um bródiço pegado; e quando, já de manhã, revelava a um camarada o segredo daquele dinheiro — e este lhe disse: — «Quem sabe se contraste a tua mina de ouro!» — ele quedou-se a meditar... No dia seguinte apresentou uma reprodução daquela tragédia *cunicula* a um jornal cómico — que logo a aceitou; e em menos de um ano vendia mais coelhos — do que Mr. Ramsky, de Chicago, o «Rei dos Coelhos»...

Em Espanha morreu, há pouco, um artista que, não sob o ponto de vista de *perfeição*, mas no de especialização ganhava a palma ao próprio Aldin. Este conseguira arrancar dos cães milhares de expressões admiráveis — mas os modelos variados eram também — porque ele se dedicava aos cães de todas as raças. O espanhol deu o exclusivo a um único cão, um cão que apareceu durante vinte anos, em todas as suas caricaturas, enquadrando-se, como um bom artista, na cena desenhada, acompanhando as expressões dos «humanos» que com ele contracenavam... na caricatura — e sobrepondo-se-lhe às vezes, pela intenção do olhar ou da atitude — que era o melhor comentário ao «episódio».

Esse espanhol era Xandaró — e publicava até à morte um boneco seu, diário, no «A B C» de Madrid — fóra mil colaborações que mantinha. Mas só o «A B C», por essa meia hora de trabalho (é ele quem o confessa numa

(Continua na página 15)

# Carta «confidencial» a... toda a gente

(Continuação da pág. 3)

mim próprio...) que a escravatura do Sr. D. Público, exercida apenas através de tão delicadas e frágeis ameaças — amedronta e tortura mais as almas escravizadas — do que as sovras epiléticas que o código de honra dos «maquereaux» de viela, prevê e aconselha, como pena piedosa e suave — em delitos insignificantes — e até, sem motivos — apenas como exercício gymnástico para se manter o predomínio do macho sobre a fêmea e obrigá-la a pensar no que podia ser a sentença, em caso de delinquência grave...

A esta altura do artigo — os leitores que, por resistência ou estranheza, ainda não tenham adormecido ou atirado o jornal pela janela fora — perguntarão — logicamente intrigados — se não já com uma pontinha de revolta:

«— Mas afinal estou lendo um artigo de fundo do «X» — ou escutando um programa da Emissora? Tanto palavrado — e ainda não nos deixou espreitar sequer o objectivo da sua linguagem...».

Tem razão, Sr. D. Público! Mas é que essa maçadoria era essencial ao sentido do fundo! Insinuei já que se me decidira a rabiscá-lo — fôra porque me encontrava numa hora de revolta contra a tal vossa dulcificada escravatura; e por um instinto bem humano — embora seja pecado — senti a volúpia de me vingar, erguendo, frente aos vossos olhos, todo o quadro dos nossos — dos meus tormentos — e, ao mesmo tempo, causando-vos uns bocejos tão amargosos como aqueles que me escancaram, de minuto a minuto, a boca, nesta hora em que vos escrevo.

Suponhamos o meu caso... Um acidente vulgar, banal — um ataque de gripe... Não consigo levantar-me há uns dias... A febre irrita-me... A cabeça está por conta dum Scarpia invisível (Ah! Se ele fôsse corpóreo, já teríamos ajustado as contas) que se diverte apertando-a no mesmo torniquete com que supliciou Mário de Cavradossi... As ideias, como aves enjauladas comodamente num jardim — no qual estoirasse, de brusco, uma batalha — esvoaçam, enlouquecidas, desvairadas, despensando-se contra o tel e contra os arames... Um mal estar indefinido, uma agonia inexplicável, me esfarrapa, dentro do leito... O isolamento do meu quarto amedronta-me... As visitas enervam-me... E é, neste estado, Sr. D. Público, que hoje sou obrigado; obrigado, hein? — a reinir ideias, a escrever este artigo, a satisfazer-lhe a vontade — o capricho (perdoem-me a imodéstia...) de não me dispensarem... Já não tem conta as vezes que o «groom» da tipografia bateu à porta... «— O sr. Bernardo diz que o jornal já está atrozado por sua culpa! É preciso o artigo antes das sets! Que faça o favor de escrever o artigo!»

O artigo! O artigo! O artigo!  
Dirão: nesse caso o tirano é o tal sr. Bernardo — não é o D. Público! Que? O sr. Bernardo é apenas um defensor dos meus interesses de escravo... Ele bem sabe o que representa um atraso do jornal, a falta do artigo!

Ah! Que subida ao paraíso seria, mesmo atalhado de gripe, de febre — inquisitorial de dores — não ter de escrever — de pensar! — no artigo — e quedar-me, numa semi-sonolência, es-

tirado na cama — até que as hóstias, os suadouros, as tinturas de iodo e as papas de linhaça me restituissem a vida — ao trabalho! Mas não, senhor! Sou escravo — e os escravos só têm o direito à paz — quando a morte os liberta! Mesmo na agonia — o lútego do capataz os miraculiza com energias cujo segredo a ciência ignora!

Papel! A caneta! Vamos... Vamos... Um artigo! Mas sobre quê? Sobre quê? Ah! Achei! Sobre isto mesmo! Ah! Que dores de cabeça! Ao trabalho — como Kean quando o obrigaram a representar o «Hamlet», a meio de uma borrasca violenta da sua vida:

«— Anda, Kean, besta de carga! Anda a puchar esta charrua que se chama Shakespeare!».

Peço desculpa, Sr. D. Público! Mas deveis compreender que a minha péssima educação de hoje — está eloquentemente justificada!

## Ainda o mistério de Marcel le Gall

(Continuação da pág. 5)

nha mãe mandou de Paris, embarcou logo, sem mais se importar comigo, a quem prometera uma amizade firme... Fêz mais — traiu-me!

— Mas como?!  
— É que, entretanto, também Lipski travara relações com Caro Van Lancker, a quem escrevera agradecendo o auxílio que ela me havia prestado na viagem e de que ele tinha conhecimento.

E a escritora holandesa, mulher romântica, deixara-se seduzir pelas cartas do pretenso raptor do general, enviando-lhe também dinheiro, de quando em quando.

— E você?  
— Logo que soube do que se passava, escrevi a Caro, prevenindo-a de que Lipski não era o amigo que eu supunha.

— Mas não percebo ainda como...  
— Percebe... Vai perceber... Lipski soube dessa carta e não podia perdoar-me.

Assim, logo que foi preso, acusado de organizador do rapto do general, declarou em pleno Governo Civil: — «Pois Marcel Le Gall, que vive na Madeira, foi o «chauffeur» do carro que serviu para o rapto!»

— E você não se defendeu?  
— Defender-me, como, e quanto tempo isso não levaria?!... Não tenho defesa, ao menos por enquanto... Fui preso no Funchal. A minha defesa era fugir. Bem o tentei, saltando de uma altura de oito metros; refugiei-me ainda numa casa deshabitada, mas pouco depois era recapturado ali.

Era a bordo do barco que o trazia para o continente, que esta conversa se travava. Casualmente, éramos seus companheiros de viagem também. Le Gall vem triste. Apavora-o a ideia, ainda, de que poderá voltar para a Guiana.

E tem constantemente esta frase, que ressoa ainda em nossos ouvidos: — «Eu, «chauffeur» do general?!... Eu sou apenas o «50.450» — um evadido da Guiana francesa.»

G. P.

# Como ela é TÔLA



— Passa uma hora a arranjar os cabelos, mas... tem o Nariz Luzidio

Ela é tão cuidadosa com a sua pessoa que passa uma hora, todos os dias, a arranjar os cabelos, para estarem penteados ao seu gosto. Não compra senão os pós de arroz mais caros — mas, o seu nariz brilha sempre. À menor transpiração, quando dança, a sua cara fica lamentável. O pó não se aguenta e a pele parece gordurosa. Se, ao menos, ela soubesse que um quasi nada de «Mousse de Creme», misturada ao pó, produziria uma formidável diferença! No Pó Tokalon, a «Mousse de Creme» é agora cientificamente misturada com o mais fino pó aerificado, (processo patenteado). Torna o pó tão aderente que não desaparecerá, com o vento, com a chuva, ou com a transpiração provocada pela dança nas salas aquecidas. Impede o menor vestígio de luzidio numa pele oleosa ou gordurosa. Não seca a pele, como o fazem os pós ordinários. O Pó Tokalon dá instantaneamente ao seu rosto um aveludado doce e fascinante — e ficará durante todo o dia. Felizes resultados são garantidos, ou então, o dinheiro é reembolsado.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agencia Tokalon (secção X) — 88, Rua d'Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

## O morto que viaja...

(Continuação da pág. 4)

viajara no mesmo compartimento do morto. E, conduzido logo ao comissariado, declarou que entrara no comboio quando o tal «senhor» se encontrava já instalado, por sinal que a dormir. Pouco depois, fôsse pelo adiantado da hora, fôsse em virtude do movimento do comboio, o certo é que o sono era tão profundo, que aquele caíra, dormindo sempre, sobre ele. E, de repente, em face de uma paragem demasiado rápida, caiu mesmo para o chão; e como caiu, assim ficou!

Correra ao corpo, a fim de o ajudar a levantar, mas reparou logo que se tratava de um cadáver. Tomado de terror e temendo ver-se acusado de assassino, abriu a porta da carruagem e lançou por ela o corpo do seu companheiro de viagem.

Por sua vez, também aqueles dois parentes do morto confessaram o que haviam feito, apenas com o fim de evitar as excessivas despesas dos funerais. E presentemente encontram-se presos e pronunciados por burla à Companhia ferroviária, com a agravante de sacrilégio...

# Bastidores trágicos do cinema

(Continuação da pág. 9)

invisível—que dispara—sumindo-se a seguir. A dama vem, numa corrida e em berreiro, escada abaixo e lança-se sobre o corpo estirado do galã—que a bala fulminou... Acodem criados em pijama... Um abala—naturalmente à busca de polícia. Ela tentou sustê-lo—mas após dolorosa hesitação deixa-o partir. Corte de filmagem... O «police-man» que deverá aparecer na cena seguinte—um latagão que fala um francês fantástico—assistiu à representação ao lado—e já está maquiado e fardado. Entretanto o meu companheiro terminara a conferência e regressámos a Londres. Pelo caminho—disse-me:

«Estes ingleses riem-se de nós, latinos, porque somos supersticiosos—mas este Albert Crower, o dono do estúdio, à força de... «coincidências» já tinha tido tempo para reflectir um pouco sobre as «leis rítmicas da fatalidade». Crower começou, há 25 anos, com um pequeno cinema cá na terra. Ganhou, foi multiplicando as salas, conseguiu abrir uma em Londres—e por último, como é ambicioso—e homem de iniciativa quis intervir no negócio de produção. Reuniu capitais que se não bastavam para rivalizar com as instalações da British—davam para um estúdio modesto mas completo, como este. Dificuldades de terreno. Era preciso não estar muito longe de Londres—e mil e uma outras complicações. Apareceram-lhe estes dois palmos de terra onde estava um antigo templo asiático, frequentado sobretudo pela colónia de operários hindus que trabalham na região. O proprietário entre a ridicularia do aluguer que recebia—e sobretudo, comprometendo-se Crower a pagar a indemnização que a justiça exigisse para desmornar o templo—e o preço que Crower lhe oferecia, não hesitou... Os índios rebelaram-se contra tal decisão. Bem sabiam que receberiam o dinheiro suficiente para reconstruir o templo noutro lugar—embora tivessem de interromper longos meses o seu culto—o tempo das obras e da conquista do terreno; mas era o sacrilégio que para o seu fanatismo representava o ter de destruir o templo. Tiveram reuniões barulhentas—e quando os índios se deram por vencidos—um deles, o que os chefiava, lançou mil maldições sobre Crower—das quais, já se vê, o nosso bom britânico riu a bom rir.

«Constrói o estúdio e chovem-lhe contratos. A expectativa não pode ser mais brilhante. Logo no segundo filme lá realizado, por conta própria do «metteur-en-scenes» Januard Divens—«The king and the stars», extraída dum romance de Jack London—deu-se a primeira fatalidade, a primeira tragédia. Dois artistas—um de certo renome outro quasi um «extra» tinham uma cena violenta num porto de qualquer ilha oceânica. O cenário representava uma taberna de marítimos. O «extra» preparava uma cilada ao outro; este, num salto acrobático, colocava-se em defesa—empunhando a pistola contra a navalha do adversário... Vinha a seguir um *corps-a-corps*—o qual, segundo o argumento, rematava com a derrota do «extra». Qual não foi o pasmo do realizador ao passarem os minutos e constatar que o artista não se levantava e que... uma poça de sangue avermelhava o soalho! Suspensa a filmagem—correu para o local... O artista estava gravemente ferido no peito e na garganta. Nunca

se soube explicar a causa deste pequeno drama (digo pequeno porque o artista nem sequer ficou estigmatizado com as cicatrizes das feridas, após um cuidadoso tratamento). O «extra» dizia apenas que caíra desastrosamente e que por um movimento inconsciente golpeára o outro! Era tão sincera a expressão do «extra» que a polícia nem sequer o prendeu—tanto mais que os dois se desconheciam e trabalhavam pela primeira vez!

«Meses depois houve um começo de que este estúdio tem sido vítima—incêndio que pôs em risco todos os figurantes—uns cem—que estavam a arranjar-se.

«Não tem número as fatalidades de nem vale a pena aborrecê-lo—enumerando-as. Contar-lhe-ei apenas uma—a mais recente.

«Havia um guarda nocturno, no estúdio—um velhote que pouca resistência podia oferecer aos gatunos. Durante algum tempo notaram-se vestígios da visita de... estranhos—acompanhados, esses vestígios, com desaparecimentos de pouca valia. Crower,



Rozario Ribera, estrela do cine britânico, heroína deste inexplicável «filme vivo» e que Lisboa conheceu, aos 11 anos, no Politeama, sob o nome de «Pichuela»

homem prático, pensou que seria prudente tomar precauções imediatas—antes que os assaltantes se tornassem mais exigentes e dessem com o segredo do cofre... Comprou dois cães de respeitável dentuça, autênticas feras. No dia em que se devia inaugurar este novo serviço de segurança—adoeceu o velho—que só retomou o serviço uma semana depois. Pois bem... O velho, que prevenira de dia o seu regresso—entrou, no jardim que cerca o estúdio, à hora do costume—ai por volta da meia noite! Na manhã seguinte foram-no encontrar ensanguentado, semi-morto, vencido por um dos cachorros, que não o conhecia e que o atacara, com fúria, ao vê-lo entrar no recinto. Só por um milagre escapou à morte!

«É o que lhe digo! Aquele estúdio do Crower é fatalista!»

## A tragédia

Várias vezes me recordei desta palestra, num «green», a caminho de Londres... O sr. Alvanti obrigou-me agora a evocá-la, mais uma vez, enviando-me o recorte do *The People* de há dois domingos—com um artigo encimado por um título, digno de um filme do «Chanteclers»:

**Uma tragédia num estúdio cinematográfico.—Fatal acaso, ou crime?—Em qualquer hipótese... um mistério!**

Eis o texto:

«Os diários mal se referiram ao assunto. Talvez por julgarem que o detalhar este assunto prejudicaria os interesses dos proprietários do estúdio Crower—e como esses pertencem, como todos os financeiros, as relações das empresas dos quotidianos...

«Seja como for—o colega que mais se alargou foi o «Daily-Herald» e apenas noticiando que por «um fatal acaso» ficara ferido no estúdio Crower, durante a filmagem dum produção de Peter Van Dine—o conhecido artista cinematográfico John Bruder—um dos «astros» de maior futuro da nossa indústria; que o estado de Bruder, embora tivesse amedrontado os médicos, ao entrar no hospital, melhorou o suficiente para se crer que em breve viria a cura.» E mais nada.

«Eis como os casos se passaram. O conhecido realizador Van Dine contratara o estúdio Crower, em Sherry Garden in Thamise—para produzir um novo filme—«The Aristocratic-Hotel Secret». Entre os artistas do seu elenco citaremos Margueret Golly, Tommy Wade, John Brudder e Rosario Ribera.

«Os dois primeiros não necessitam de biógrafos. Transitaram dos palcos para os «ecran» trazendo com eles o mesmo poder de êxito que os colocou, em menos de dois anos, entre os artistas que os produtores buscam—não só por causa do talento mas também pela influência que os seus nomes exercem sobre o público. Um ano mais—e a sua fama passará as fronteiras da Inglaterra. Os outros dois, mais jovens, embora tenham marcado e sido notados desde os primeiros passos—são mais novos e vieram para o cinema sem que qualquer outra glória conquistada anteriormente viesse iluminar a sua entrada nos estúdios.

«John Brudder, pertence a uma boa família escocesa, quis seguir a carreira militar—onde chegou a tenente. Mas motivos íntimos fizeram com que ele abandonasse a carreira militar; e como a família, indignada com esta sua atitude, cortasse relações... financeiras com o filho—teve de escolher qualquer modo de vida. Espírito culto e sensível, amante das artes e das letras—tentou-se pelo cinema. Após mil esforços conseguiu que lhe dessem um pequeno papel, em 1933, na «London-Film»—onde os críticos deram com ele e o elogiaram—indo trepando, pouco a pouco, de categoria. De Janeiro a Outubro de 1935—entrou já em três filmes—o que é promissor em Inglaterra, sobretudo para um principiante. E em todos—com agrado.

«Rosario Ribero é de origem espanhola. Dedicou-se ao género de «music-halls» até 1922—tendo-se estreado em Lisboa, com a idade de 11 anos. Na primeira etapa da sua carreira—usava, nos cartazes, o nome de «Pichuela». Casou em Paris com um patriota que a fez abandonar a arte—e segundo uma biografia publicada em «The Film Weekly», o marido era um tiranete que ela só com muito sacrifício suportou durante dez anos! Divorciada—regressou ao «music-halls». Uma «stournee» trouxe-a a Londres—onde um «regisseur» da «Hesworth-Pictures» a descobriu oferecendo-lhe uma rábula. A sua carreira tem sido,

como a de John Brudder, rápida e brilhante.

«E agora o... misterioso drama. Desde o início da filmagem desta obra de Van Dine — que correm «zuns-zuns» a respeito dos seus artistas — entre os bisbilhoteiros dos bastidores de estúdios. Sabia-se, há muito, que entre Margueret Golly e Rosario, assim como entre Thommy Wade e John Brudder se estabelecerá uma forte corrente de hostilidade silenciosa, mal disfarçada pela gentileza com que uma tratava a outra ou esteve ligada com aquéle. Qual o motivo dessa inimizade? Uns arriscavam que se tratava de ciúmeira profissional de dois artistas, já experimentados no teatro e triunfantes no cinema, contra dois neófitos que, igualmente triunfam — chegando mais tarde e... sem nunca terem sido artistas!

«Outros iam mais longe... Que o segredo daquele ódio — partia doutro género de rivalidade... Entre... quem? Se Wade nunca cortejava Margueret! Se entre Brudder e Rosario não existia o menor «flirt»!

«Seja como for — no dia 10, filmava-se a cena dum corredor de hotel. Rosario, que interpretava um papel de espiã, armava uma cilada a um... traidor (Brudder) e abatia-o com um tiro de pistola. O «regisseur», como é costume, experimentou a arma várias vezes, carregou-a com a cápsula de pólvora inofensiva, como é natural e foi entregá-la a Rosario no seu camarim.

«Acenderam-se as lâmpadas vermelhas; começa-se a filmagem; Rosario dispara a pistola à queima-roupa no peito de Brudder — fugindo — auxiliada pelos cúmplices — um dos quais Wadder —; Brudder redopia, forma um ângulo — e cai, por fim, numa rápida agonia. Van Dine, em silêncio, fez um gesto que significava: «Esplêndido»; manda cortar a filmagem; corre para o artista — exclamando:

«Bravo Brudder! És um artista!»

«Mas Bruddeer não se levanta — e é nota que o chão se está avermelhando de sangue. Não pode haver dúvida. Brudder está ferido em pleno peito... Golfa sangue, aos borbotões — e não dá acôrdo de si. Chama-se uma ambulância. Hospital!

«...Mas — como se dera a tragédia? Para que Brudder ficasse ferido — era necessário que a pistola disparada pela Rosario Ribero estivesse carregada... com balas autênticas! E quem a carregara? O «regisseur» facilmente prova a sua inocência. Primeiro — porque não possuía senão as cápsulas... para os tiros da cena; segundo — porque carregara a pistola estando presente Van Dine — e Van Dine acompanha-o ao camarim de Rosario onde ele a deixara. Esta jura que só lhe tocou no momento de abandonar o camarim para ir representar. Quem, então? Uma das duas visitas? Margueret Golly? John Brudder? Mas para este último proceder assim — era porque... queria suicidar-se!

«Até hoje a polícia não conseguiu apurar nem sequer uma pepita de verdade — embora tenha sujeito os três artistas a longos e diários interrogatórios. Entretanto Brudder — cujo estado parecia irremediável — está fora de perigo... Eis um mistério cuja descoberta nós não cremos que vá glorificar os nossos detectives!»

Rosario Ribero... A «Pichuelas»... E eu que a conheci tão pequena!...

Visado pela comissão de censura

## Abalos sísmicos!

(Continuação da pág. 11)

parou a revolução, o amigo de Frederico, da Prússia, aquêle a quem os adversários chamavam o do «gélido eterno, e cínico sorriso» — desembarcou em Lisboa, no episódio casual de uma longa viagem, poucos dias após a catástrofe. Ao regressar a França e ao escrever o seu imortal romance «Candido» — faz-se substituir pelo seu herói literário, nas aventuras vividas então, por ele, na nossa capital.

O último contorcimento sísmico, violento, que sofremos — foi nos últimos tempos da monarquia — que aterrorizou Lisboa e que saudia, furioso, colérico Benavente e todas as povoações dessa zona, causando dezenas de vítimas — e deixando centenas de famílias sem abrigo. A única nota esquelética dessa fatalidade — e que merece relembração é a seguinte: O abalo deu-se às 17 ou 18 horas — não estamos certos. No Parlamento estava em uso da palavra o falecido e discutido político José Alpoim. Num impeto de eloquência romântica (?)... — exclamava: «Se não é verdade o que acabo de afirmar, que as colunas desta casa se quebrem, como abraçadas por Samson, em cólera e que todos nós nos quedemos esmagados sob os destroços...». Não terminara a frase — e já bancas, copos, lustres, tremiam, como assoprados por uma ventania infernal... Calculem o feito que esta coincidência produziu em todos os deputados.

Contra tais catástrofes, nada pode o homem: nem evitá-las, nem ao menos prevê-las. Outro tanto não sucede já com os animais, que parece preverem-nas por instinto.

Quanto às causas dos tremores de terra; as opiniões são tantas quantos os sábios... Não seremos nós quem lhes vá juntar mais uma...

Aí fica, pois, tudo quanto, ao certo, se sabia sobre tremores de terra.

É assim mesmo: — tudo! Pelo menos, até nos provarem que era exactamente ao contrário, — com o aparecimento de outro novo sábio alemão...

F.

## O jardineiro-barbeiro



Um cultivador de crisântemos raros, a tornar-se barbeiro...

## Artistas que ganham milhões com os animais

(Continuação da pág. 12)

entrevista dada no «Nuevo Mundo», em 1926-1927) pagava-lhe... cinco duros diários — quasi 400 escudos! Mas o total das suas receitas iam pelas dez mil pesetas mensais; e como era pacato, reumático, frequentando apenas umas tertulias de cafés e certos teatros — deve ter deixado uma herança de causar cóbica.

Edmond Rostand, que não era um... caricaturista — mas sim um admirável poeta da dinastia seguinte à de D'Annunzio — o dramaturgo genial que nos deu «L'Aiglon», «Cyrano de Bergerac», etc. — o «grosso» da imensa fortuna que deixou — ao morrer — há anos — brotara de uma obra em que só entravam irracionais — galinhas, coelhos, cães, faisões, perus, patos, etc. — e cujo herói era... um galo: «Chantecler». Para escrever esta peça sensacionalíssima, que encheu o Teatro Porte de St. Martin, de Paris, um ano a fio — anos passou Rostand numa propriedade sua, vigiando, atento, a vida íntima, social, moral, das suas enormes capoeiras — toda a zona das herdades onde se criava a bicharia... Para se fazer um calculo do que renderia o «Chantecler» basia dizer que, em 1912, «L'Illustration» pagou por 500.000 francos o direito de publicar a obra, em suplemento, e sem o proibir de, um mês depois, lançá-la em volume, por outro editor.

Os exemplos abundam. Fitcher — o inglês (não confundir com os irmãos Fitcher, franceses) amellhou grande peúlio — especializando-se em ratos. O italiano Chiovanini Moni, caricaturista e revisteiro de Milão — deve o que possui à sua especialização em macacos. Os macacos de Moni atingiram um tão subtil *double-sens* que, num desenho em que eles entrem a par de racionais, chegamos a não os distinguir — e isto sem que que ele exagere ou se sirva de subterfúgios...

Se existisse entre os irracionais um gremio protector dos homens — como entre os homens existe a «Sociedade Protectora dos Animais» — era caso para muitos artistas — e escritores — rogarem à direcção que lhes arranjassem um «irrational» generoso — como aqueles que deram a fortuna a Aldin, a Xandaró, a Rostand, a Fitcher...

## Reinaldo Ferreira

Encontra-se há alguns dias retido no leito o nosso presado director, cuja actividade nos dois últimos números não tem podido ser tão intensa como de costume.

Felizmente, porém, Reinaldo Ferreira (Repórter X) encontra-se já bastante melhor, devendo muito brevemente retomar a sua acção redactorial e directiva no «X», com o inegalável e extraordinário entusiasmo e «savoir-faire» que todos lhe reconhecemos.

Com a boa nova se congratulam todos os que trabalham nesta casa, onde Reinaldo Ferreira só conta amigos dedicados e dos melhores admiradores do seu esplêndido talento.

# BLENDIAN

O MELHOR NO  
TRATAMENTO  
DE



PREVENÇÃO EM TOGA  
A BASTE

disp. gen. a:

FARM. STIVA CARVALHO - R. DOS TANQUEIROS 206

PROSTATITES  
E BLENNORRAGIAS

## Moveis, Estofos

### e Decorações

Não basta adquirir mobília,  
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

*Manuel Cordeiro*

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Be'em, 80-82

Telefone. Belem 237

LISBOA

## Venereologia e Sífilis

### Dr. Campos Rocha

Consultório:

R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

### Clinica Geral

### Dr. Mário Teixeira Bastos

Consultório:

Rua Garrett, 17, 2.º, D.º

LISBOA

## BRANCO & IRMÃO

### Posto Emissor C.S. 1-B.1.

Aparelhos de T. S. F.

Reparações • Pára-Raios • Antenas

Perfumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88

PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

## Colecção "Amanhã"

O 1.º livro intitula-se

### DEZ NOVELAS

### DEZ NOVELISTAS

Grande êxito  
de livraria

Está á venda em todo o País

Director: MIGUEL CRUZ  
Rua Diário de Noticias, 113

## CAFÉ RESTAURANT TAVARES

RUA DO MUNDO = LISBOA

O restaurant cosmopolita — o restaurante europeu

O restaurant frequentado pela melhor sociedade

O preferido pelas colónias estrangeiras

Concertos diários pela célebre troupe «Gounod»

## Restaurante PRIMAVERA

Um canto discreto. — Optima cozinha. — Petiscos sempre variados. — Clientela sempre selecta. — Preços económicos

Travessa da Espera — LISBOA

## Uma noite europeia?

## Uma noite em Montmartre?

# «O Alhambra»

de LISBOA — PARQUE MAYER

O «Dancing» melhor frequentado

O mais alegre

O mais brilhante

Boa musica

Belo ambiente

Admiravel serviço de Restaurante

1 hora de «ALHAMBRA» recompensa 22 horas banais

Surpresas todas as noites

AO «ALHAMBRA»!